

# Dilema de Segurança: a influência da Arábia Saudita e do Irã na Guerra do Iêmen

ANNA LUIZA FAGUNDES E CECÍLIA DIAS

## Introdução

A partir da Revolução Iraniana de 1979, as relações entre a Arábia Saudita e o Irã ficaram tensas, ao passo que a formação da República Islâmica do Irã instalou um governo xiita mais radical, que prega veementemente a noção do anti-ocidentalismo e contraria-se à presença estadunidense na região. A partir desse acontecimento e de diversos momentos de crise entre essas duas potências do Oriente Médio, o Irã passou a se aproximar de grupos que atuam contra o ocidentalismo, materializado pela influência dos Estados Unidos e de Israel. Dessa forma, a monarquia saudita, que segue a vertente sunita do islã e mantém relações próximas com o Ocidente, configurou-se como principal oponente aos interesses iranianos (COSTA, 2017).

Nesse sentido, na medida em que esse tensionamento ocorria, houve, em 2013 a eclosão da Guerra do Iêmen, a qual, desde 2013, que vem sendo intensificadas pelo apoio bélico prestado pela Arábia Saudita ao líder Abd Rabbuh Mansur Al Hadi e pelo apoio, principalmente ideológico, do Irã ao grupo Houthis. Assim, considerando a rivalidade entre os países, utilizaremos o conceito do “Dilema de Segurança”, cunhado por John Herz (1950), a fim de explicar se tal abordagem realista, a qual diz respeito ao incremento militar de um Estado induzir os demais a fazerem o mesmo, o que resulta em uma insegurança generalizada; pode explicar com clareza o atual contexto do Oriente Médio, em que há um embate político e militar entre as duas potências.

## Influências ocidentais

O Golfo Pérsico, próximo ao Irã e à Arábia Saudita, atrai o interesse de diversos países por apresentar vasta produção petrolífera e por possuir rotas comerciais estratégicas, como o Estreito de Hormuz, que segundo dados do

Energy Information Administration (2012) é o ponto de estrangulamento (área com possibilidade de limitar o desempenho de determinada atividade econômica) de trânsito de petróleo mais importante do mundo. Diante desse contexto, os Estados Unidos buscam utilizar sua influência na região de maneira expressiva, visando manter acesso ao petróleo produzido no Golfo e impedir que seja limitado o trânsito por essas áreas, uma vez que a República Iraniana poderia bloqueá-las como forma de reação às sanções impostas pelos norte-americanos. Vale ressaltar que, antes da Revolução Iraniana, os EUA coordenaram um golpe de Estado no Irã, instituindo no poder o Xá Reza Pahlavi, que mantinha a aproximação entre os dois países – rompida após a Revolução (SANTOS, 2020).

Nesse sentido, a Arábia Saudita configurou-se como a principal aliada dos EUA no Oriente Médio, após essa revolução, uma vez que os estreitos laços entre os governos iraniano e estadunidense foram rompidos. Devido ao longo histórico de alianças comerciais e armamentistas entre os dois Estados, sobretudo relacionadas ao petróleo e ao interesse em comum de limitar a expansão de influência iraniana, a Arábia Saudita se constituiu como a maior associação estratégica dos EUA no Golfo Pérsico (GASTALDI, 2020). Assim, a monarquia saudita caracteriza-se como um dos maiores compradores de armas dos EUA (SIPRI, 2018) e recebeu apoio logístico e armamentista da potência ao longo da Guerra Civil do Iêmen, fato que causa uma insegurança generalizada na região, de acordo com o princípio do “Dilema de Segurança”. Além do país americano, a Arábia Saudita obteve, também, incremento militar da França e do Reino Unido, cujo interesse é lucrar com a Guerra, o que intensifica o sofrimento das vítimas, uma vez que o arsenal fornecido possui uma alta tecnologia de destruição, o que foi evidenciado com a utilização de armamento britânico para ataques a civis iemenitas, denunciada pela Anistia Internacional em conjunto com a Human Rights Watch (2015).

## Dilema de segurança

O “Dilema de Segurança”, termo cunhado por John Herz (1950), remonta às origens do pensamento realista nas Relações Internacionais: Hobbes via o estado de natureza anárquico como permeado constantemente por guerras, e os Estados, a fim de protegerem-se, incrementavam seu arsenal bélico, o que causava mais insegurança generalizada (JACKSON; SORENSEN, 2018). Contudo, o que atualmente se entende por esse conceito foi altamente

se entende por esse conceito foi altamente revisado por autores neorrealistas, os quais apontam essa definição como a conjuntura em que países, buscando aumentar suas condições de segurança para se protegerem de um eventual ataque ou da dominação de outros, ampliam seus recursos de poder, o que causa uma reação semelhante aos demais, resultando em uma insegurança generalizada (MENDES; REZENDE, 2020). Tal contexto causará um temor por parte dos agentes, já que o incremento do poder de um Estado pode significar uma ameaça, tanto em termos de rivalidade quanto em relação à perda de hegemonia, para o país em questão – e, conseqüentemente, tal situação resultará em um crescente desejo de garantia da sobrevivência estatal por meio do acréscimo de recursos que possam conferir uma certa proteção. Para os diversos teorizadores, esse conceito só torna-se possível pela estrutura anárquica e competitiva do sistema internacional.

É importante destacar que diversos recursos políticos, ideológicos e culturais também podem ser utilizados para se obter vantagem em relação aos rivais de determinada localidade – isso dá-se pela mobilização de nações ou de grupos a favor de uma causa ou contra determinado agente. Nesse plano, essas estratégias de poder cooptativo mostram-se eficientes na medida em que causam temor alheio. A título de exemplificação, elementos culturais e ideológicos utilizados para fragilizar os oponentes, a partir da utilização do sentimentalismo da opinião pública sobre determinada causa ou até mesmo sobre a conduta de um país ou de um grupo político, é a instrumentalização do nacionalismo e da religiosidade, os quais fazem frente à ameaça externa, principalmente na configuração de um fraco poder militar.

Para Kenneth Waltz (1979), formulador do realismo defensivo, não é vantajoso para as potências adquirirem poder além do essencial para a segurança do Estado, já que isso pode estimular a formação de alianças entre outros países (JACKSON; SORENSEN, 2018) e aumentar o poder pela junção das forças de variados Estados. Por outro lado, para John Mearsheimer (2001), elaborador do chamado realismo ofensivo, o Dilema de Segurança é um dos principais conceitos das Relações Internacionais, porém ele aparece em uma posição distinta das análises defensivas, visto que não está na iminência do conflito, mas sim na busca por poder para aumentar as condições de segurança, uma vez que os recursos são limitados (JACKSON; SORENSEN, 2018). Assim, implica-se que o aumento da segurança de um agente gera, inevitavelmente, a redução da segurança do outro. Dessa forma, uma perspectiva realista ofensiva

do Dilema é mais útil para o propósito aqui desenvolvido, já que explica a realidade das potências, que almejam a hegemonia e formulam estratégias, muitas vezes conflituosas, para impedirem a ascensão de outros poderes locais ameaçadores de seus interesses.

## Guerra Civil no Iêmen

Diante do exposto, há de se analisar a Guerra do Iêmen. Assim, deve-se compreender quais foram as motivações históricas que eclodiram nesse conflito. Para isso, há de se retomar à época da insurgência de protestos contra regimes totalitários na África e no Oriente Médio, os quais requisitavam uma melhoria na qualidade de vida da população – a Primavera Árabe. Nesse sentido, desde 1978, o então presidente Ali Abdullah Saleh mantinha-se no poder, o que revoltava, naquela época, parcela da população devido à aproximação com países ocidentais, como os EUA, e também aos baixos índices de desenvolvimento da nação (PEREIRA, 2019). Sob esse prisma, após a Primavera, cidadãos clamavam, ainda mais, pela queda de seu governante. Por conseguinte, após ser ferido em um atentado à bomba, o líder iemenita acertou sua saída, depositando o cargo no seu vice, Abd Rabbuh Mansur al Hadi, no final de 2011. No ano seguinte, Hadi foi eleito democraticamente, sendo o único a concorrer (SANTOS, 2020).

Apesar de ter ocorrido o que parte da população demandava, o novo líder era aliado aos Estados Unidos e identificava-se fortemente com a vertente sunita (CERIOLO, 2018). Ainda tendo de lidar com mazelas relacionadas à fome, à pobreza, à taxa de desemprego e à corrupção em excesso na nação, houve o levante dos Houthis – movimento xiita apoiado pelo Irã –, que, insatisfeitos com o governo, aliaram-se à Saleh e tomaram, no ano de 2014, a capital Saana'a, obrigando o líder a mover-se para o Sul (SANTOS, 2020). Esse feito assemelhou a nação bastante à configuração da época pré-unificação iemenita, na década de 90 (MACHRY, 2016). Não obstante, o líder tentou negociar com o grupo, o qual não acatou.

Nesse ínterim, a Arábia Saudita e os países que o apoiavam fundaram a Coalizão Saudita, que estava ao lado de Hadi e, por meio de operações de ataques, visavam a retirada dos Houthis do poder. Em 2015, contudo, o conflito intensificou-se quando houve ataques à capital saudita, Riad, a qual respondeu com bloqueios e mais hostilidade ao Iêmen, que já vinha enfrentando a crise humanitária em decorrência da Guerra (PEREIRA, 2019). Além dos agentes

internacionais atuando, houve, também, a insurreição de movimentos fundamentalistas na região, como a Al-Qaeda, que usufruíram da instabilidade política e social do Iêmen para a tomar parte do território (SANTOS, 2020).

Portanto, de um lado há o apoio saudita ao líder Hadi; e, por outro, o apoio iraniano aos grupos que se opõem ao governo. À luz dessa análise, é necessário reconhecer os efeitos do que seria uma possível proxy war – ou seja, uma guerra promovida por potências em um Estado tido como mais fraco, as quais participam do conflito apenas por meio dos suportes citados (NEVES, 2022). Esses, por sua vez, que buscam influenciar a região e obter domínio das áreas estratégicas que existem ao redor do território iemenita, como o estreito de Bab-el-Mandeb, caracterizado pelo fluxo de navios petrolíferos e pelo transporte de cargas. Assim, o conflito estabelece-se como sendo um dos mais graves da atualidade, ocasionando perdas civis e econômicas irreparáveis para o Iêmen, que segue sendo um dos países mais pobres do mundo.

## Sobre o Dilema de Segurança na Guerra

É necessário, pois, correlacionar a Guerra com o Dilema de Segurança, o qual, pela sustentação teórica, basear-se-á na tese do realismo ofensivo. Nesse sentido, é sabido que, para o realismo, o sistema internacional é anárquico; sendo assim, não há organismos ou nações que monopolizem o poder (JACKSON; SORENSEN, 2018). Logo, no modelo ofensivo, os Estados veem na expansão militar e na agressão a melhor forma de conseguí-lo e, embora armem-se a fim de garantirem sua sobrevivência, não é isento que haja quaisquer ameaças a essa. Por conseguinte, as potências do Irã e da Arábia Saudita, nos anos anteriores à Guerra, fomentaram seu arcabouço bélico a fim de se protegerem de um iminente conflito, já presente nas relações entre as nações (SANTOS, 2020). Dessa forma, o pretexto político instável da região do Iêmen trouxe, para eles, o local de dissipar sua força.

Além de fatores atrelados à insegurança bélica, a oposição religiosa torna-se outro motor imprescindível para a latência do conflito, ao passo que, por um lado, o governo saudita, sendo majoritariamente sunita, apoia o líder religioso sunita do Iêmen; e o governo iraniano, por outro, apoia o grupo xiita Houthis pela ligação entre a mesma vertente do Islã e por contraporem-se aos interesses

sauditas (CERIOLI, 2018). Portanto, o Dilema de Segurança, nesse cenário, caracteriza-se como sendo resultado tanto de um aumento do poderio militar das potências regionais, quanto da utilização do sectarismo religioso como forma de consolidar poder e influência, ameaçando ideologicamente o rival.

Assim, uma vez que a Arábia Saudita intensifica a sua zona de controle com o fortalecimento do seu apoio bélico ao governo do Iêmen, o Dilema de Segurança aparece como um jogo de soma zero (MENDES; REZENDE, 2020), em que esse aumento da área de domínio, simultaneamente, gera a redução de uma possível zona sob a tutela iraniana, já que, caso os Houthis ascendessem ao poder, o projeto de expansão iraniana seria exitoso, visto que o grupo armado já havia conquistado a capital do país, o que representava um forte avanço. Logo, a Coalizão Saudita representou uma forte barreira ao surgimento de um governo possivelmente aliado, consistindo em um forte incentivo para a interferência política e militar da nação xiita no conflito.

Outra questão a ser pontuada é em relação à atuação do Irã ser quantitativamente menor em relação à saudita (PINTO, 2023). Tal disparidade beneficia a República iraniana, visto que tanto o Irã quanto os Houthis, por serem agentes independentes que partilham interesses, geram incerteza na Arábia Saudita simplesmente por manterem relações próximas, o que reforça sua atividade. Assim, o Irã auxilia na manipulação da imagem saudita no cenário internacional, que torna-se um país que financia diretamente uma guerra com impactos copiosos (PINTO, 2023). Nesse referencial, o Dilema de Segurança mantém-se, também, como possível para análise desse cenário, tendo em vista que o aumento da insegurança gerado na Arábia Saudita ocasiona em um excessivo investimento militar (PINTO 2023).

Logo, para os realistas ofensivos, o ponto-chave do “Dilema de Segurança” consiste na corrida pela obtenção de poder em diferentes planos – e é exatamente o que pode ser observado. Portanto, a Guerra Civil do Iêmen é uma demonstração prática desse conceito, tendo em vista que não ocorre um embate direto entre o Irã e a Arábia Saudita, porém eles demonstram, um para o outro, seus potenciais poderios, gerando uma incerteza generalizada para toda a região.

## Conclusão

Nesse viés, a presente análise propôs-se a trazer informações relacionadas à questão da tensão iraniana e saudita na Guerra do Iêmen sob a ótica do Dilema de Segurança. A principal dificuldade encontrada para conectar o conflito bélico ao conceito foi a distinção dele realizada pelos realistas ofensivos e pelos defensivos, uma vez que para os defensivos o Dilema só se configura em uma situação de iminência ao embate direto, ao passo que para os ofensivos ele é muito mais amplo, visto que inclui tanto a própria busca por poder quanto a possibilidade de maiores confrontos. Sendo assim, a Guerra Civil é um palco do conceito, já que é o meio de obtenção do poder para as citadas potências regionais e enquadra-se como uma confrontação mais ativa, na perspectiva ofensiva.

Além disso, a forte presença de grandes hegemonias mundiais no Oriente Médio torna o conceito ainda mais expressivo, em virtude do incremento do poder bélico que os Estados Unidos proporciona à Arábia Saudita e das grandes importações armamentistas russas e chinesas ao Irã. Logo, do ponto de vista macro, o aumento dos recursos militares das hegemonias da região, por influências externas, torna todo o contexto mais inseguro, devido ao aumento das tensões com o temor do país rival e dos estragos decorrentes da sua guerra interna.

## Referências

---

CERIOLI, Luíza Gimenez. Roles and International Behaviour: Saudi–Iranian Rivalry in Bahrain’s and Yemen’s Arab Spring. *Contexto Internacional*, [s. l.], v. 40, ed. 2, p. 295–317, 2018

COSTA, Renatho. Os aiatolás e o receio da República Islâmica do Irã. São Paulo: Porto de Idéias, 2017. ISBN: 978–85–8061–126–7.

EIA. The Strait of Hormuz is the world's most important oil transit chokepoint. Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=4430>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

GASTALDI, Fernanda Castro. ESTADOS UNIDOS E ARÁBIA SAUDITA NO MUNDO PÓS-REVOLUÇÃO IRANIANA: uma perspectiva neogramsciana. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 112. 2020.

JACKSON, Robert.; SORENSEN, Georg. Introdução às Relações Internacionais. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KRAUSE, P.; PARKER, T. Yemen’s proxy wars explained | MIT Center for International Studies. Disponível em: <<https://cis.mit.edu/publications/analysis-opinion/2020/yemens-proxy-wars-explained#=#=>>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MACHRY, Patrícia. O Iêmen do pós-Guerra Fria à atualidade: da unificação à desintegração. 2016.

MENDES, Flávio; REZENDE, Lucas. O dilema da segurança como realidade fundamental da política internacional: debate teórico e implicações para a América do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 7, n. 1, 2020.

MUGGAH, R.; THOMPSON, N. Igarape Institute | Weapons from foreign powers, including Brazil, fuel the Yemen conflict. Disponível em: <https://igarape.org.br/en/weapons-from-foreign-powers-including-brazil-fuel-the-yemen-conflict>. Acesso em: 2 fev. 2023.

NEVES, Luiz. A guerra do Iêmen e a teoria de Kenneth N. Waltz. 2022.

PEREIRA, Danilo. Iêmen: Crise humanitária. I FÓRUM DE DIREITO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, v. 1, n. 01, 2019.

PINTO, Pedro. Conflito no Iêmen: A Expansão do Controle dos Houthis e as Repercussões Geopolíticas para o Médio Oriente. As Relações entre a Arábia Saudita e o Irã (2015–2021). 2023. Tese de Doutorado.

---

SANTOS, Mibsan. A Balança de Poder na Guerra Civil do Iêmen: a interação entre Arábia Saudita e Irã (2015 a 2020). Portal de Trabalhos Acadêmicos, v. 7, n. 1, 2020.

UFRGSMUN. UFRGS Model United Nations: Break through the surface. Reach hidden answers. / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais - Vol. 1(2013) - Porto Alegre: UFRGS/FCE/PPGEEI, 2013 - Anual. ISSN 2318-3195

WALKER, Peter; NORTON-TAYLOR, Richard. UK-made missile hit civilian target in Yemen, say human rights groups. The Guardian, [s.l.], 25 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/nov/25/uk-made-missile-hit-civilian-target-yemen-say-human-rights-groups>>. Acesso em: 24 fev. 2023.